

Calamidades naturais e o pensamento no Japão medieval

Michio Kamikawa¹

Introdução

Boa tarde a todos os amigos. O meu nome é Michio Kamikawa e vim da Província de Aichi do Japão.

Para mim é uma honra poder falar hoje para vocês sobre a História do Japão como parte de intercâmbio com sua universidade.

A minha especialidade é a história medieval do Japão. No caso de história japonesa, o período medieval é desde o fim do séc. XI até o XVI. Hoje eu focalizarei o séc. XII. É um período em que a Idade Antiga estava terminando e um novo regime da época medieval estava consolidando. E as forças populares apareceram no cenário histórico destruindo o Estado Antigo e vinculando-se a uma religião universal, “Budismo”.

Hoje eu gostaria de apresentar-lhes a história japonesa através de um tema: “Calamidades naturais e o pensamento”. É sobre uma história de 800 anos atrás, mas não é um tema completamente passado. Ao contrário, gostaríamos de deixar claro a história em nossa memória como parte de assuntos de maior interesse, especialmente, tendo em conta a situação trágica surgida após a catástrofe do Japão e ferocidades de futuras calamidades naturais.

1- Visão sobre o arquipélago japonês e a história do Japão medieval.

Antes de mais nada, vejam dois mapas. Um deles é um “Quadro de distribuição de epicentros no mundo” e o outro é sobre “Atividades sísmicas no Japão”. Ambos são elaborados pelo Centro Sismológico da Universidade de Tóquio.

¹ Doutor em história e professor titular do Departamento de História e Cultura Japonesa da Faculdade de Estudos Japoneses da Aichi Prefectural University.

Vejam, primeiro, o Mapa 1., “Quadro de distribuição de epicentros no mundo”. Fiz uma cópia xerográfica das partes que rodeam o Pacífico. Aqui podemos observar uma faixa sísmica da orla do Pacífico, unindo dois pontos extremos da Terra, o arquipélago do Japão e a América do Sul. Porém, essa unidade não é apenas pelo mapa. Por exemplo, em maio de 1960 -por acaso foi o mês em que eu nasci-, ocorreu um terremoto de 9.0 na escala Richter na orla do Chile. O seu tsunami atingiu todas as partes do mundo e depois de aproximadamente 22 horas e meia chegou ao Japão. E causou 142 mortos principalmente na costa leste do Japão, *Sanriku*. No Brasil não há muitos terremotos felizmente. Esta história vem sendo contada de geração em geração. Porém, quando prestamos atenção ao exterior, mais uma vez nós damos conta de que há perigos essenciais à existência, estejamos onde estivermos, como a poluição do meio ambiente, aquecimento da Terra, destruição da camada de ozônio, acidentes nucleares.

Continuando, vamos ver o outro mapa, número 2, “Atividades sísmicas no Japão”. Ele mostra todos os terremotos ocorridos a partir do ano 1900. Os pontos em vermelho marcam 143 casos com danos provocados. O epicentro do grande terremoto acontecido no dia 11 de março deste ano foi na orla do Pacífico na Região nordeste, Tôhoku. Está localizado com o número 141 no mapa e era de 9.0° na escala Richter. As ferocidades do terremoto e do seu tsunami imediatamente surgido causaram os danos inimagináveis.

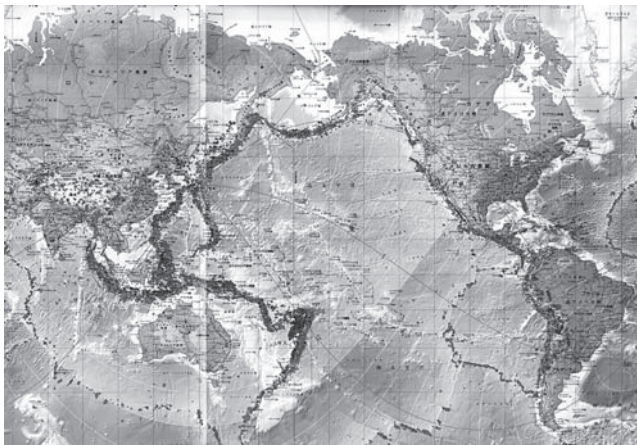
Mas, podemos observar neste mapa que segundo os dados acumulados durante 100 anos, não se tratava de terremotos repentinos nem imprevisíveis. Considerando isto seriamente, temos que dizer que é incompreensível que haja 18 centrais e 55 reatores nucleares no Japão. Dizem que no Brasil há três reatores nucleares, no entanto, mais de 10 % do total do mundo está concentrado no Japão.

Por outro lado, foi encontrado um antecedente equivalente ao Grande terremoto de Tôhoku. Em consequência disso, está sendo citado o fato de que no ano 869 houve um grande terremoto e umas 1,000 pessoas morreram afogadas pelas vagas sísmicas de tsunami colossal. Por esta razão, a expressão “um terremoto que acontece a cada milênio” está se enraizando.

Os estudos nesta área ainda estão imaturos. Porém, as versões que enfatizam a

necessidade de refletir dentro de uma perspectiva histórica para pensar nos problemas contemporâneos e futuros estão adquirindo a força de persuasão.

Assim, o que eu queria deixar claro era a necessidade de refletir sobre o espaço geograficamente amplo e o tempo historicamente longo. Isto quer dizer, em resumo, a importância de ter a visão ampla da história universal.



“Mapa1. Quadro de distribuição de epicentros no mundo – Centro Sismológico da Universidade de Tóquio – 2011. O mapa é parcial e originalmente colorido.”



“Mapa2. Atividades sísmicas no Japão – Centro Sismológico da Universidade de Tóquio – 2011. O mapa é parcial e originalmente colorido.”

Tendo em mente essas situações, vamos revisar a bibliografia de estudos existentes sobre a História Medieval, em particular, História de Calamidades. Assim quero apresentar-lhes uns trabalhos que estão atraindo a nossa atenção recentemente no Japão. E são livros que poderiam ser úteis para o Centro de Estudos Japoneses desta Universidade.

O trabalho do Prof. Hisashi Fujiki, *Rascunho do quadro cronológico da história de calamidades no Japão medieval (editado em 2007)*, e uma cronologia imensa alfabética, reforçada pelos básicos documentos históricos. Este quadro cronológico que cita os documentos escritos em japonês de época antiga parece ser um pouco difícil para os estudantes de nossa universidade. Acredito, no entanto, que dará uma força incomensurável para quem tenha a firmeza de suceder em trabalhos intelectuais.

O mesmo autor tem outro trabalho, *Conhecendo o país em meio à fome e à guerra (editado em 2001)*, que trata principalmente do período de Guerras Civis do séc. XVI. Este período é geralmente popular, pois nesta época as atitudes heróicas de “*bushī*” que buscavam a união do país são idealizadas. Mas, na verdade, este trabalho relata as lutas ásperas apostas pela sobrevivência que mudavam a vida, a sobrevivência do povo sob as situações severas como a fome, a guerra, o saque e a existência da caça de mulher como escravo no campo de batalha.

Um dos trabalhos mestres junto com o do Hisashi Fujiki é *Idade Média: história social de catástrofes e guerras (editado em 2001)* pelo Prof. Sumio Minegishi. Ele analisa, do ponto de vista popular, casos concretos relacionados com o meio ambiente do arquipélago japonês que é um país não só sísmico mas também vulcânico, com conflitos e guerras e com a organização social.

As influências causadas por calamidades naturais ou ambientes na sociedade humana nunca serão unilaterais. A organização social e política as promoveram em alguns casos e as detiveram em outros. Por exemplo, as fomes causaram uma imensa morte de pessoas, mas a classe dominante não morre de fome na maioria dos casos. Foi o povo que morreu de inanição. Neste ponto, as influências catastróficas são evidentemente injustas. No caso das guerras eclodidas na segunda metade do séc. XII, as fomes ocorreram em meio das mesmas. O povo foi obrigado por cumprir com

despesas e mobilização militares extraordinárias além dos impostos fundiários -“*nengu*”. Ainda, pelas Grandes Fomes, pode se deduzir que talvez se apresentassem situações catastróficas inimagináveis.

Além dos autores anteriormente citados, quero referir-me a um estudo do Itaru Katsuda, *O mundo medieval de mortos* (2003). Esta obra revela fatos diferentes ao senso comum em relação com a morte e os corpos, a imagem concreta dos funerais e cemitérios. Também contem um apêndice, *Cronograma do abandono de cadáveres em Kyoto no período medieval*. Por falar em Kyoto, em nossos dias, esta cidade tende para ser considerada “capital antiga” e também considerada como centro de cultura clássica tradicional. Mas, nos damos conta de que a realidade do séc. XII era outra porque houve uma grande quantidade de mortos por causa do clima instável e da fome e era um mundo em que pairava o odor de cadáveres abandonados. Este trabalho aponta acertadamente às pessoas contemporâneas com o direito à vida garantida. No Japão atual também, conforme o desenvolvimento da livre competência e a sociedade desigual se pergunta se a sociedade e o Estado têm a capacidade de serem entidades fiadoras para a existência humana. Este estudo põe isso em questionamento à luz da história.

2- A Grande Fome e a capital Heiankyô

Aqui vou falar-lhes casos concretos mais em conformidade com os fatos. Vamos ver as situações de Kyoto conhecido como *Heiankyô* do séc. XII anteriormente referido. Neste período, a cidade de Kyoto era o centro da política y economia. Podemos dizer que era a capital do Japão. Contava com 100 mil habitantes e era uma grande cidade consumista.

De 1180 a 1185 o arquipélago do Japão experimentou guerras civis. Elas são conhecidas geralmente como *Batalha Genpei*. Das mesmas surgiram um governo feudal de Kamakura chamado *Kamakura Bakufu*, que foi o primeiro regime militarista na história japonesa.

Na verdade, em meio deste período, de 1181 a 1182, a Grande Fome atacou

esta ilha asiática. Ela foi originada pela Grande Seca. A era do Japão daquele tempo era *Yôwa*, por isso costuma ser chamado *Yôwa no Daikikin*, a Grande Fome de *Yôwa*. Por muitos documentos históricos podemos confirmar uma horrorosa quantidade de mortos. O povo rural de origem de produção foi recrutado por causa das despesas militares repetidas vezes e estava empalidecido por isso. Ao mesmo tempo, a grande cidade consumista, Kyoto, apresentava situações catastróficas. Nós temos as seguintes descrições.

5 de abril de 1181:

O nobre Yoshida Tsunefusa tentou sair da residência imperial (Dairi) e passar pela avenida principal (Sanjô Karasuma) para retornar à casa, porém evitou esse caminho ao saber que haveria oito cadáveres, que haviam morrido de fome. Dizem que as ruas estão ultimamente cheias de cadáveres [de Kikki – Diário de Yoshida Tsunefusa].

Este texto mostra que os corpos de mortos de fome estão abandonados na avenida principal. O Imperador era como símbolo de divindade. Os nobres consideravam os mortos possuidores de “impureza” e temiam por seu contágio ao Imperador.

3 de fevereiro de 1182:

Dentro do portal da residência do Imperador abdicado (Go Shirakawa Jôkô), havia um monge mendigo que havia morrido de fome [“Gyokuyô” – Diário do Fujiwara no Kanazane].

Este documento foi registrado como um caso grave, acontecido no interior do recinto. O número de mortos deve ser muito mais.

22 de fevereiro de 1182:

Boato de que havia quem comesse os cadáveres perto do rio (Gojô gawara)

que corre a leste da capital [citação do trecho da obra Kikki]

Pelo Rio Kamogawa, havia muitos corpos abandonados dos que haviam morrido de fome.

25 de março de 1182:

“ Ultimamente estão acontecendo todos os dias incêndios causados pelos ladrões. É como se o destino da humanidade estivesse se extinguindo. Os caminhos estão cheios de cadáveres. É triste.” [citação da obra Kikki].

Por este texto, podemos perceber que o perigo para a segurança pública na capital estava se agravando.

O exposto aqui é apenas uma parte dos fatos. Por estas informações fragmentárias neste diário do nobre, nós temos que deduzir razoavelmente os fatos ocultos ou não registrados pela escrita. Os cadáveres de fome aparecidos até nos cenários onde seriam completamente excluídos pelos governantes, pareciam mostrar a quantidade de mortos que havia nos espaços cotidianos populares. Então, quantos mortos de fome estariam abandonados sem terem sido enterrados?

Ao respeito, podemos contar afortunadamente com um documento escrito por um nobre de classe baixa. É “*Hôjôki*” de Kamono Chômei, texto clássico de japonês antigo e está sendo amplamente lido no ensino colegial do Japão. É uma obra do autor quem revela, com as frases escrupulosas, suas experiências e sentimentos que o levaram a escolher a vida solitária de afastamento das comunidades percebendo a transitoriedade do mundo humano.

O começo desta obra diz: “a corrente do rio nunca se detém e a água muda em cada instante sem ser nunca a mesma.” Porém, aqui vamos prestar atenção a algumas partes que não são citadas freqüentemente.

As calamidades presenciadas pelo autor, *Kamono Chômei*, em Kyoto, não eram só as fomes. Refere-se ao Incêndio de Kyoto de abril de 1177, “Redemoinho de vento

de Kyoto” de abril de 1180 (era Chishô ano IV) e o Grande Terremoto de julho de 1185. Ele relatava, “realmente é difícil de viver no mundo humano”. E continua sobre a Grandes Fome:

“ Acho que talvez tivesse sido no período Yôwa,...durante dois anos havia fome em todas partes, causando uma situação tão catastrófica que nos pasmava. Num ano, houve seca na primavera e no verão; em outro, redemoinhos de vento no outono e no inverno, assim continuavam os desastres e, as colheitas, totalmente comprometidas...”

Apesar de que na corte imperial foram iniciados vários tipos de preces sagradas e realizadas as práticas ascéticas, também com um especial cuidado em todos os termos, não surtiram nenhum efeito. É que a economia de Kyoto, no fundo, depende das regiões rurais, mas perante esta circunstância, nada chega à capital e a esta altura não se pode manter suas aparências de sempre... As ruas estão repletas de mendigos e ouvem-se somente insatisfações e lamentações do povo.

O número dos que morrem de fome do lado dos muros e à beira das estradas é imenso. Como ninguém quer pôr em ordem esses cadáveres, sente-se um mau cheiro em toda cidade de Kyoto. Observa-se a decomposição de cadáveres em todas as partes e é deveras insuportável. Na beira do rio Kamo, há muitos cadáveres amontoados que impedem a passagem dos cavalos e carroças.

...O monge Ryûgyô Hôin, do Templo Ninna, procurou contar o número dos mortos durante dois meses em abril e maio, então em Kyoto... os cadáveres nas ruas da parte leste de Kyoto - Sakyô - eram mais de quarenta e dois mil e trezentos.

Desta descrição podemos indicar alguns pontos importantes. Em primeiro lugar, pode se dizer que este fenômeno, a Grande Fome, fosse uma calamidade natural. É uma catástrofe expandida numa capital, grande cidade consumista onde o influxo da população era maior. Em segundo lugar, não houve medidas racionais nem eficazes para recuperação, mas apenas rezas ordenadas pelo Imperador sem fazer efeito algum. Por último, não podemos esquecer que o protesto e a desesperança do povo sobrevivente e o mau cheiro de corpos decompostos apresenta uma questão séria até nossos dias sobre a razão essencial da existência humana. A presença da maioria sem a existência garantida jamais poderia ser alheia para nós, já que chegamos a ter a capacidade de perceber um terremoto que acontece a cada milênio hoje em dia.

O autor Kamono Chomei optou por levar uma vida oculta e tranqüila perante a força da natureza e as mudanças da época, expressando sua frustração. Não se percebe nele nenhuma intenção nem ideal quanto a tentar visualizar o futuro da sociedade. Na realidade, não estão registradas, em nenhuma parte, políticas para restauração promovidas pelo governo. O povo de 800 anos atrás não deixou nada escrito, mas parece que surgiam paulatinamente novas intenções e esforços populares para deixar segura a existência para as gerações posteriores. Vamos confirmar isso no seguinte capítulo.

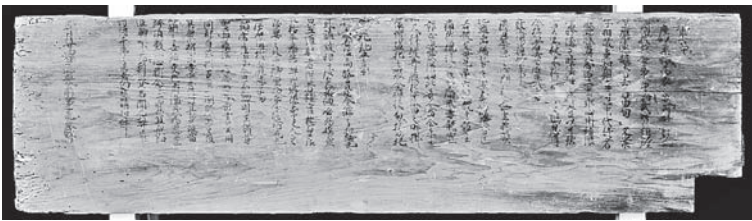


“3. Uma cena do cemitério de *Gakizōshi* (livro de história dos demônios de fome) – Fim do séc.XII, Museu Nacional de Tóquio – citado da Guia ilustrativa *Birei* da Exposição especial do Museu Nacional Histórico de Nara em 2007.”

3- O veio de pensamento universal

Aqui vou apresentar-lhes dois casos. Um deles é sobre os movimentos do povo rural que antecedem à Grande Fome de *Yôwa*. E o outro é sobre as palavras concretizadas na Declaração, após a *Batalha Gempei* e a Grande Fome de *Yôwa*, pelas autoridades políticas para dar fim à desordem.

Vamos ver o primeiro. A parte leste da província atual de Aichi era chamada como “País de *Mikawa* “ antigamente. No final desta região há um templo montanhoso chamado *Fumonji*. Recentemente tenho realizado as pesquisas junto com os estudantes de nossa universidade sobre os documentos históricos conservados neste templo, sucedendo nos trabalhos realizados pela Seção Editorial e História da Província da Divisão de Assuntos Jurídicos e Documentos do Departamento de Assuntos Gerais da Província de Aichi. Estes últimos anos neste templo *Fumonji*, um documento de 1161 (era Eireki ano 2) foi descoberto. Está escrito numa madeira (Foto 4.) que contem as regras de vida cotidiana para os monges. Foi escrito quando o templo *Fumonji* começou a ser administrado pela primeira vez pelos aldeãos da vila local. As pessoas enviavam seus familiares como candidatos a serem monges do templo. Vivendo juntos neste recinto, os monges chegavam a simbolizar a união dos aldeãos. Este documento histórico relata essa situação da região.



“Foto4. *Eii Kishô Kifuda* (A etiqueta de madeira de normas internas do templo pelo monge *Eii*) – Templo de *Fumonji* na Província de Aichi.”

Vamos ver o seu conteúdo um pouco mais detalhadamente. O que se importa aqui são os preceitos budistas. Eles proíbem as disputas, assassinatos, furtos, adultérios

budista, o grupo de pessoas que respeitam os preceitos é considerado uma força de produzir a união de igualdade e paz. Neste documento está expressa com a palavra *Wagô*. Nos termos do budismo se chama também *Sanga*. Os monges juravam pela união para paz e igualdade diante da imagem divina do Buda e atrás deles devia haver formação de uma nova aldeia pelos aldeãos. Não se tratava da credulidade de uma mágica religiosa, mas se percebem aqui o ideal e a firmeza populares. Ainda, era uma época em que a deterioração do ambiente natural e as lutas pelo médio da existência originavam guerras. Porém, nesta declaração está escrito o seguinte, “a *bravura* deve ser controlada e a *misericórdia* valorizada.

Este pensamento deriva do budismo da Índia antiga, mas é importante, do ponto de vista histórico, o fato de que o pensamento foi adquirido pelo povo japonês do séc. XII. A realidade devia ser dura. Mas acredito que mereça uma menção especial como um cenário histórico em que se percebia um veio do pensamento universal.

Continuando, temos o segundo caso. Após a paz jurada pelos aldeãos reunidos, chegou o período de plena Guerra Civil e aconteceu a Grande Fome de *Yôwa*. Em 1185, a guerra civil atingiu um término provisional. Em consequência disso, o regime militar nasceu na região leste do Japão, *Kantô*. É o famoso governo feudal do período de Kamamura conhecido como *Kamakura Bakufu*, liderado pelo General *Minamoto no Yoritomo*. Em meio de conflitos e negociações políticas que ainda continuavam, em 1197 (Era *Kenkyu* ano 8), o *Minamoto no Yoritomo* celebrou as cerimônias budistas que proclamavam a paz. Dizem que o rei indiano Ashoka antigamente ordenou a construção de 84 mil pagodes guardando as cinzas do Buda para divulgar mundialmente. Seguindo esse exemplo indiano, o General *Minamoto no Yoritomo* ordenou aos oficiais militares regionais a construção de 84 mil pagodes. Assim realizou simultaneamente as inaugurações e rezas cerimoniais às 11 horas da manhã de 4 de outubro de 1197 em todos os templos principais no Japão.

Aqui quero focalizar a explicação dada por ele sobre o ato. Ele dizia, “chegou o momento de júbilo para todos”, refletindo os 40 anos de seu governo. E continua:

Os mortos na última guerra atingem “dez milhões”. Não acredito que

tenham desaparecido o rancor e a tristeza dos recrutados para a guerra que perderam a vida na terra e no mar. Vamos compartilhar de forma igual com os que têm rancor o benefício e a salvação do Buda. Dizem que o rancor nunca cessará se pagar com a mesma moeda.

Aqui podemos confirmar o pensamento que rompe com a cadeia de sentimentos de rancor, sufragando os mortos sem distinção entre aliados e inimigos. Neste momento, o General *Minamoto no Yoritomo* tinha a consciência crítica ao ex-imperador retirado *Go Shirakawa*, quem ordenou a construção de 84 mil pagodes, só para a purificação de seus “pecados”. Também parece que o *Yoritomo* julgava a guerra contra o adversário *Heike* como um ato divino em nome do “Céu” e com delegação pelos “Deuses”. Aqui o “Céu” ou “Deuses” não são a deificação de um determinado governante mas são os seres absolutos e abstratos. Em outras palavras, podemos interpretar que o *Minamoto no Yoritomo* queria dizer a igualdade perante os Deuses.

Porém, não é meu objetivo dizer que o *Minamoto no Yoritomo* fosse um homem de grande personalidade. No Japão de finais do séc. XII se exigia a restauração após as calamidades, fomes, guerras, que exaustavam o país. Eu quero enfatizar precisamente os novos pensamentos que os novos regimes militares teriam que buscar sob esta circunstância.

Não eram pensamentos gerais como os sermões do Buda. Os pensamentos com conteúdo, ou seja, da união pela paz e igualdade que busquem a intenção e o ideal no futuro começavam a surgir nos aldeãos rurais como no Templo *Fumonji* da região *Mikawa no Kuni*. Talvez tivessem sido as idéias imaturas e fragmentárias. Mas, antecedendo às calamidades e guerras em grande escala, era provável que eles chegassem a impulsionar os governantes a tomarem consciência do pensamento universal em prol da garantia de sobrevivência.

Eu penso que a insatisfação e as lamentações dos povos sobreviventes, os cadáveres abandonados e o pensamento da união pela paz e igualdade que cresceu entre o povo foram os fatores importantes que determinaram a chegada de uma nova época.

Conclusões

Há 65 milhões de anos, um meteorito de 10 quilômetros de diâmetro caiu na península de Yucatán, no México. Existe uma versão de que morreram não só os dinossauros mas também a maior parte dos seres vivos. Comparando com esta anedota, a minha palestra se refere a uma história de apenas 800 anos atrás.

A diferença entre 65 milhões de anos atrás e o presente está na existência do homem que é, em nossos dias, capaz de prever a queda do meteorito.

A diferença entre 800 anos atrás e hoje está na possibilidade que permite a solidariedade de igualdade e paz entre os povos de ambos os lados da Terra.

Seja 65 milhões de anos atrás seja 800 anos atrás, na natureza do universo e da Terra, há uma energia carregada que o ser humano não pode evitar jamais. As pessoas nascidas vivem condenadas a se perguntar quanto à sua razão de ser. Pelo menos há de evitar qualquer explosão repentina de energia artificial que leve a existência humana ao risco. Finalizo esta palestra com isto que tenho pensado e continuo pensando recentemente para garantir a perspectiva de um futuro valioso.

Muito obrigado pela sua atenção.

Nota do Autor

Durante e após as palestras, pensei que talvez, entre o Brasil e o Japão, houvesse uma grande diferença de visão quanto à história de 800 anos atrás. O Brasil, remoto de sua independência, carecia de uma língua escrita, por isso não é nada fácil comparar a história de ambos os países. Porém recebi perguntas que nos convidaram a uma visão histórica comparada através da história europeia, indicando que a literatura sobre a Grande Fome já aparecia na Europa do séc. XIV, porém a história posterior não se vinculou ao pensamento público mas à perseguição de interesses particulares que encontrariam a sua expressão mais forte na era de Grandes Descobrimentos. Tudo isso

nos pôs em questionamento sobre a bibliografia existente de estudos comparados na área de História Japonesa. Assim acredito que nós tenhamos que trabalhar na realização desses estudos comparados em várias outras partes deste mundo.

Destacaram-se as perguntas sobre os conhecimentos básicos do material ilustrado “Gakizôshi” – livro de histórias dos demônios da fome, além do intenso interesse pelo Grande Terremoto da região Tôhoku, ocorrido na primavera deste ano. Quanto ao primeiro, se percebiam nas perguntas os interesses pelos materiais de pintura e a sensação de estranheza sobre o budismo. A maioria das várias perguntas sobre o terremoto, era sobre o estado atual do Japão após esta calamidade natural. Só que me impressionaram alguns comentários que interrogavam, por exemplo, sobre “o que o povo japonês aprendeu do terremoto”. Também diziam que no Brasil continuavam circulando, de certo modo, as notícias do terremoto do Japão, em forma de material do vestibular ou temas das palestras organizadas pelas empresas de seguro, mas que não se encontrava nenhum que tivesse um ponto de vista histórico.



サンパウロ州立大学（UNESP）での講演
（Palestra na UNESP）



サンパウロ大学 哲学・文学・人間科学部での講演
（Palestra na FFLCH-USP）



ロンドリーナ州立大学での講演（Palestra na UEL）

Agência UEL de Notícias

08/11/2011

Professores japoneses fazem palestra hoje na UEL

http://www.uel.br/com/agenciauelnoticias/index.php?arg=ARQ_not&FWS_Ano_Edicao=1&FWS_N_Edicao=1&FWS_Cod_Categoria=2&FWS_N_Texto=13489#.TmWgsAd7Dg.email

Professores Hiroaki Kawabata e Michio Kamikawa foram recebidos pela reitora em exercício, professora Berenice Quinzani Jordão



repassar informações sobre a história e o direito constitucional japonês a estudantes e professores da UEL. A palestra terá tradução simultânea.

O professor Kawabata tem como especialidade Direito Constitucional Comparado e Direito Iberoamericano. Já o professor Kamikawa é historiador e deverá, em sua palestra, falar sobre o comportamento do povo japonês em casos de calamidade.

Na manhã de hoje os dois professores foram recebidos pela reitora em exercício, Berenice Quinzani Jordão. Eles estavam acompanhados da professora Estela Okabayashi Fuzii, do Núcleo de Estudos da Cultura Japonesa (NECJ), do professor Manuel Simões, da Assessoria de Relações Internacionais (ARI) e do arquiteto Caco Piacenti.

Os professores Hiroaki Kawabata e Michio Kamikawa, da Faculdade de Estudos Japoneses, da Aichi Prefectural University (APU), fazem uma palestra hoje (08/11) sobre temas ligados à cultura e a tradição do povo japonês.

A palestra começa às 19h30, na sala 695, do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA). Os dois professores estão em visita à cidade, fizeram recentemente uma palestra na Universidade de São Paulo (USP) e deverão

ロンドリーナ州立大学 HP 副学長(中央)との懇談
(Conversa com a Vice-Reitora da UEL-Página Web)